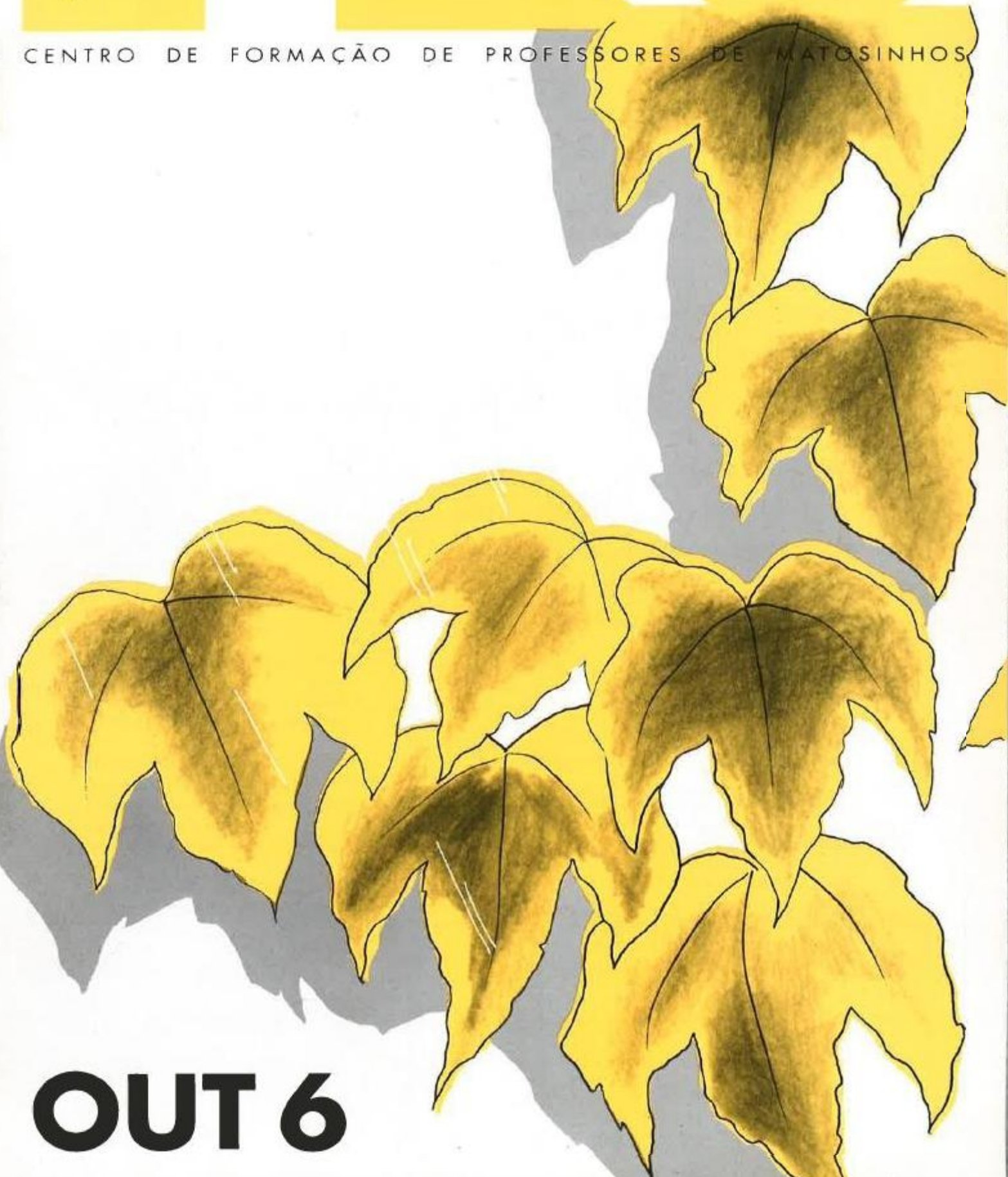


f e s s o r

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATOSINHOS



OUT 6

índice



Ficha Técnica

Director: Jorge Lima

Redacção: Georgina Teixeira, Rosa Branca Pinheiro

Propriedade: PRÓfessor – Centro de Formação de Professores de Matosinhos

Periodicidade: mensal

Tiragem: 1400 exemplares

Composição: Georgina Mendes

Capa: Helena Teles Viana

Execução gráfica: Edições Afrontamento

Correspondência: PRÓfessor – Centro de Formação de Professores de Matosinhos

Rua de Damão • 4450 Matosinhos

Tel.: 9381064 • Fax 9387683

Para começar	2
Se ainda não sabe, tem que ler	5
Às quartas... é no centro	11
Opinião	13
• Área escola	13
• O professor e a carreira Dos CEPDES ao estatuto A memória de um actor	17
• Prospectiva das actividades desportivas	20
E os «pequeninos» o que pensam?	23
Publique-se	26
• O aluno como pessoa	26
À conversa com...	32
• Elisa Margarida Herdeiro Dias Agostinho	32

para começar

O C.M.M.E.
Conselho de Maridos do Ministério da Educação
não tem reuniões ordinárias...
é uma organização quase clandestina!

Os seus membros usam,
não raramente,
nomes de código...,
por exemplo,
ZéTó
é o código que utilizam para José António,
Mané
para Manuel Fernando,
Rique
para Luís Henrique,
Vito
para Tobias Antunes...

Não contemplado
pela Reforma do Sistema Educativo
em curso
o C.M.M.E. consegue,
no entanto,
passando despercebido,
exercer influência na Educação e Ensino
em Portugal
de forma discreta
mas determinante!

Tome-se, por exemplo, atenção a este pequeno diálogo:
«— Sabes, Vito, ...vou passar a ficar às quartas na Escola, até às sete,
por causa do Projecto Educativo.
— Mas, Querida,...
e então quem há-de ir buscar os meninos ao infantário...
e fazer as compras da semana — eu não posso! —
tenho reunião no escritório!»

Qualquer ministro
que não tenha em conta o poder do C.M.M.E.
está condenado a
parecer ministro
mas não passar de um secretário de estado.

Os conselheiros do C.M.M.E.
são,
geralmente,
médicos, engenheiros, gerentes bancários,
economistas ou empresários bem sucedidos...
que,
embora não tendo reuniões ordinárias,



conseguem concertar atitudes
e utilizar estratégias muito semelhantes...

Quase todos,
bem lá no fundo, acham que
ser professor
não é para levar muito a sério...,
aliás
«... profissão onde só se vai 3 ou 4 horas por dia
não pode ser profissão... é part-time»,
«... e o dinheiro que lá se ganha... é trocos!»,
«... um entretém... para ajudar a passar o tempo.»,
«... coisa de mulheres!»,
«... não é emprego para quem aceita
a oferta e a procura,
a livre iniciativa,
o deve e o haver...
não é, portanto, uma profissão para homens!».

Uma regra que faz parte
do código de honra dos conselheiros do C.M.M.E.
é
nunca revelarem isto...
mas, têm,
no entretanto,
liberdade para agirem na conformidade...

Honra lhes seja feita...
... às vezes,
pela noite dentro,
tarde e a más horas,
ainda têm de se ver a braços
com os problemas que o 7^o H anda a levantar,
ou «Tens de me ajudar a fazer o relatório de actividades»,
ou, ainda,
«Sabes de alguém que me possa arranjar um carro de bois
para o meu projecto da Área-Escola?»...
têm de partilhar as agruras
de um ordenado de miséria,
«aturar» as reuniões do Pedagógico
sem poderem assistir,
baterem no computador o teste de Física do 10^oF
sem se lembrarem nada de densidades
e
revisitarem,
quase todos os dias,
os locais e os momentos dos bancos de escola.

Nos jantares de fim de ano, na Escola,
quando têm mesmo que ir,
aguentam
sem bocejos

e sobrevivem
trocando olhares cúmplices com outros conselheiros
ou mantendo, com eles, diálogos curtos e estudados...
para não quebrarem a clandestinidade.

Todos resolveriam
os males da Educação e do Ensino em Portugal
em prazos que vão dos 10 minutos
aos 3 dias...
têm soluções para o insucesso,
para a incompetência de alguns funcionários,
para o desinteresse de alunos
e para a desmotivação dos professores...

Paradoxalmente
fazem referências elogiosas aos seus antigos professores
que
«... fizeram de mim o que sou hoje!»
«... aquilo era na amarra
mas sabia mais de matemática na 4ª classe
do que os meus filhos no 12º ano!»

Há mesmo quem diga que
se algum dia,
e perdoem-me um exercício mental delirante
que fará rir às gargalhadas
qualquer burocrata das finanças que se preze,
se algum dia, dizia,
o ordenado dos professores fosse equiparado
ou mesmo superior
ao das outras profissões equiparáveis,
a taxa de divórcio
em Portugal
subiria 15%...
... coisas de
«lá em casa carreira só há uma...
a do marido e mais nenhuma...»
e como hoje é o marido que ganha mais
então
estaria tudo explicado...
... más línguas!

Todas estas revelações
vão-me custar,
provavelmente,
a expulsão do Conselho de Maridos do Ministério da Educação...
... os colegas conselheiros que me perdoem...
mas
já não aguentava mais
a clandestinidade!

Jorge Lima / Setembro 1993



Se ainda não sabe

TEM QUE LER

As Acções do PRÓfessor já estão acreditadas. Os certificados definitivos de frequência serão entregues em Outubro

Que terminem de vez as angústias e se calem os «velhos do Restelo»! — o CCFCP — Conselho Coordenador de Formação Contínua de Professores — acreditou e creditou as acções do PRÓfessor nas áreas, modalidades e níveis a que se propunha, com excepção para a Acção V — O Professor e os meios auxiliares de ensino, Curso 4 PRÓMac — cujos formadores aguardam a atribuição, pelo CCFCP, da qualificação como formadores especialistas.

Para que não restem quaisquer dúvidas publicamos, nas páginas seguintes,

os certificados de acreditação que nos foram enviados pelo CCFCP.

O certificado provisório de frequência recebido pelos formandos que concluíram com aproveitamento as nossas acções, será, até ao fim do mês de Outubro, substituído pelo certificado definitivo, onde constará já o nível da acção e, claro, os créditos respectivos.

A partir de 15 de Outubro poderão recebê-lo nas instalações do Centro onde lhes será entregue em troca do certificado provisório.

Certificado

Para os devidos efeitos se certifica que, ao abrigo da alínea a) do número 2 do artigo 39º do Regime Jurídico de Formação Contínua de Professores, aprovado pelo Decreto-Lei nº 249/92, de 9 de Novembro, o Conselho Coordenador de Formação Contínua concedeu à entidade formadora

PRÓFESSOR - Centro de Formação de Professores de Matosinhos

acreditação às acções abaixo discriminadas, nas áreas, modalidades e níveis que lhes correspondem e às quais foram atribuídos os créditos e o nº de registo de acreditação expressos no presente Certificado.

form n°	designação da acção	área de formação	modalidade	nível	créditos	registo de acreditação n°
1	Acção III - O Professor, a Dinamização da Escola e das Relações com o Meio, Curso 2 - Área Escola - A Escola, a Comunidade, e Animação	Prática e Investigação Pedagógica	Curso de Formação	Aprofundamento	4,1	93/259/AE2193/1-A-70/93
2	Acção IV - O Professor e o Aluno - Curso 3 - Comunicação na Aula	Técnicas e Tecnologias de Comunicação	Curso de Formação	Iniciação	2,4	93/260/AE2193/2-A-71/93
3	Acção VIII - O Professor, a sua Especialidade e Didáctica dela - Curso 1 - Didáctica da Língua Portuguesa	Língua e Cultura Portuguesa	Curso de Formação	Aprofundamento	3	93/261/AE2193/3-A-72/93
5	Acção III - O Professor, a Dinamização da Escola e das Relações com o Meio, Curso 1 - A Direcção de Turma	Prática e Investigação Pedagógica	Curso de Formação	Iniciação	3	93/263/AE2193/5-A-73/93
6	Acção IV - O Professor e o aluno, Curso 2 - Preocupação com o aluno como pessoa	Prática e Investigação Pedagógica	Curso de Formação	Iniciação	2	93/264/AE2193/6-A-74/93

Mais se certifica que a acreditação concedida é válida até 31 de Dezembro de 1994.

Para que conste.

Porto, 20 de Agosto de 1993

O Presidente


Bártoalo Paiva Campos

Certificado

Para os devidos efeitos se certifica que, ao abrigo da alínea a) do número 2 do artigo 39º do Regime Jurídico de Formação Continua de Professores, aprovado pelo Decreto-Lei nº 249/92, de 9 de Novembro, o Conselho Coordenador de Formação Continua concedeu à entidade formadora

PRÓFESSOR - Centro de Formação de Professores de Matosinhos

acreditação às acções abaixo discriminadas, nas áreas, modalidades e níveis que lhes correspondem e às quais foram atribuídos os créditos e o nº de registo de acreditação expressos no presente Certificado.

form nº	designação da acção	área de formação	modalidade	nível	créditos	registo de acreditação nº
7	Acção IV - O Professor e o aluno, Curso 4 - Trabalho de Projecto	Prática e Investigação Pedagógica	Curso de Formação	Iniciação	2	93/265/AE2193/7-A-75/93
8	Acção IV - O Professor e o Aluno - Curso 1 - Tendências Actuais da Pedagogia	Ciências de Educação	Curso de Formação	Iniciação	3,3	93/266/AE2193/8-A-76/93
9	Acção IV - O Professor e o Aluno - Curso 7 - Planificação do Ensino - Aprendizagem em Jardins de Infância	Prática e Investigação Pedagógica	Curso de Formação	Aprofundamento	3	93/267/AE2193/9-A-77/93
10	Acção IV - O Professor e o Aluno - Curso 6 - Lidar com a Diferença	Prática e Investigação Pedagógica	Curso de Formação	Aprofundamento	4,1	93/268/AE2193/10-A-78/93
11	Curso VIII - O Professor, a sua Especialidade e a Didáctica Daíse, - Acção 3 - Técnicas Laboratoriais de Química	Ciências da Especialidade	Curso de Formação	Iniciação	2	93/269/AE2193/11-A-79/93

Mais se certifica que a acreditação concedida é válida até 31 de Dezembro de 1994.

Para que conste.

Porto, 20 de Agosto de 1993

O Presidente



Bárto Paiva-Campos

Certificado

Para os devidos efeitos se certifica que, ao abrigo da alínea a) do número 2 do artigo 39º do Regime Jurídico de Formação Contínua de Professores, aprovado pelo Decreto-Lei nº 249/92, de 9 de Novembro, o Conselho Coordenador de Formação Contínua concedeu à entidade formadora

PRÓFESSOR - Centro de Formação de Professores de Matosinhos

acreditação às acções abaixo discriminadas, nas áreas, modalidades e níveis que lhes correspondem e às quais foram atribuídos os créditos e o nº de registo de acreditação expressos no presente Certificado.

form n°	designação da acção	área de formação	modalidade	nível	créditos	registo de acreditação n°
12	Acção VI - O Professor e a Carreira - Curso 1 - A Identidade Profissional do Professor	D - Formação Pessoal, Deontológica e Sócio-Cultural	Curso de Formação	Aprofundamento	3	93/270/AE2193/12-A-80/93
13	Acção VIII - O Professor, a sua Especialidade e a Didáctica Deste - Curso 5 - O Computador na Aula de Inglês	Prática e Investigação Pedagógica	Curso de Formação	Iniciação	2	93/271/AE2193/13-A-81/93
14	Acção V - O Professor e os Melos Auxiliares de Ensino - Curso 4 - Computador no Dia a Dia do Professor	Técnicas e Tecnologias de Comunicação	Curso de Formação	Iniciação	2	93/272/AE2193/14-A-82/93
15	Acção V - O Professor e os Melos Auxiliares de Ensino - Curso 7 - A Organização dos Centros de Recursos Educativos e das Mediatecas Escolares - Um Melo Para a Inovação Educativa	Técnicas e Tecnologias de Comunicação	Círculo de Estudos	Aprofundamento	3	93/273/AE2193/15-A-83/93

Mais se certifica que a acreditação concedida é válida até 31 de Dezembro de 1994.

Para que conste.

Porto, 20 de Agosto de 1993

O Presidente

Bárto Paiva Campos

Certificado

Para os devidos efeitos se certifica que, ao abrigo da alínea a) do número 2 do artigo 39º do Regime Jurídico de Formação Contínua de Professores, aprovado pelo Decreto-Lei nº 249/92, de 9 de Novembro, o Conselho Coordenador de Formação Contínua concedeu à entidade formadora

PRÓFESSOR - Centro de Formação de Professores de Matosinhos

acreditação às acções abaixo discriminadas, nas áreas, modalidades e níveis que lhes correspondem e às quais foram atribuídos os créditos e o nº de registo de acreditação expressos no presente Certificado.

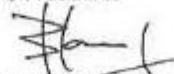
form nº	designação da acção	área de formação	modalidade	nível	créditos	registo de acreditação nº
16	Acção VIII - O Professor, a sua Especialidade e a Didáctica Dada - Curso 9 - Aprendizagem por Mudança Conceptual Biologia e Geologia	Prática e investigação Pedagógica	Curso de Formação	Aprofundamento	3	93/274/AE2193/16-A-84/93
17	Acção I - O Professor/Agente do Sistema - Curso 1 - O Sistema Educativo	Ciências da Educação	Curso de Formação	Iniciação	2	93/275/AE2193/17-A-85/93
18	Acção IV - O Professor e o Aluno - Curso 8 - Investigação em Educação	Ciências da Educação	Curso de Formação	Iniciação	2,2	93/276/AE2193/18-A-86/93
19	Acção VIII - O Professor, a sua Especialidade e a Didáctica Dada - Curso 8 - Desporto Escolar	Prática e investigação Pedagógica	Curso de Formação	Iniciação	2,2	93/277/AE2193/19-A-87/93
20	Acção VIII - O Professor, a sua Especialidade e a Didáctica Dada - Curso 6 - Inovar na Aula de Inglês	Prática e investigação Pedagógica	Curso de Formação	Iniciação	2	93/278/AE2193/20-A-88/93
21	VIII - O Professor, a sua Especialidade e a Didáctica Dada - Curso 10 - Investigação em História Local	Ciências da Especialidade	Seminário	Aprofundamento	3	93/279/AE2193/21-A-89/93

Mais se certifica que a acreditação concedida é válida até 31 de Dezembro de 1994.

Para que conste.

Porto, 20 de Agosto de 1993

O Presidente



Bárto Paiva Campos

À laia de pequeno balanço...

A faina da formação contínua, este ano, já vai longa e aproxima-se do fim. Não iremos aqui fazer um balanço profundo do que foi este ano de formação, isso fica para o próximo número da revista. Neste, apenas o registo das acções que realizámos.

Acções do PRÓfessor realizadas em 1993			
Acção	Curso	Turmas	Nº de formando
III — O Professor, a dinamização da Escola e das relações com o meio.	1. Direcção de Turma.	2	60
	2. Área-Escola: A Escola, a Comunidade, a Animação.	3	60
IV — O Professor e o aluno.	2. Preocupação com o aluno como pessoa.	2	40
	3. Comunicação na aula.	3	60
	4. Trabalho de projecto.	2	50
	6. Lidar com a diferença.	2	60
	7. Planificação do ensino-aprendizagem em Jardins de Infância.	2	60
V — O Professor e os meios auxiliares de ensino.	4. O Computador no dia-a-dia do professor.	4*	80
	7. A Organização dos Centros de Recursos Educativos e das Mediatecas Escolares — Um Meio para a Inovação Educativa.	1	18
VI — O Professor e a carreira.	1. A Identidade Profissional do docente.	2	60
VIII — O Professor, a sua especialidade e a didáctica dela.	1. Didáctica da Língua Portuguesa.	2	120
Totais	11 Acções	31	608

* Das 6 turmas previstas foram realizadas 4.

Todas estas acções foram financiadas pelo Programa FOCO. As acções, que não constam deste quadro, não se realizaram por não terem obtido financiamento desse Programa embora em Fevereiro passado tenha sido apresentada a respectiva candidatura. Voltaremos a este assunto, como já foi dito, na próxima revista.

Às Quartas... é no Centro!

O PRÓfessor, para além das actividades de formação de professores que integram o seu Plano de Formação, decidiu, na sequência das «Quartas-feiras à noite... em Junho» desenvolver espaços de debate sobre temas de interesse para os docentes do Centro, que designámos por «Às Quartas... é no Centro!».

— São sessões de trabalho, com cerca

de 2 horas, que têm início às 21.30 h, sobre temas científicos ou da didáctica das especialidades, que decorrerão em duas modalidades — mesas redondas abertas ou orientadas por uma personalidade de reconhecido mérito nesses campos — que têm lugar nas instalações próprias do nosso Centro.

O programa previsto até ao final deste ano é o seguinte:

DO PROJECTO EDUCATIVO AO PROJECTO DE TURMA

Mesa redonda

destinada a partilhar
as estratégias educativas

assumidas pelas Escolas de Matosinhos

29 de Setembro, pelas 21.30 h, nas instalações do PRÓfessor

Moderadora — Luísa Faria

Público-alvo — membros de Conselhos Directivos, Conselhos Pedagógicos, Conselhos de Escola, Directores de Turma e Professores dos 1º 2º e 3º ciclo do Ensino Básico e Professores do Ensino Secundário

D.P.S. — Desenvolvimento Pessoal e Social

LANÇAMENTO DO NOVO CURSO

6 de Outubro

Reunião da equipa de formadores do nosso Centro que orientará o curso que credenciará os professores

para a leccionação da disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social

ENCONTRO DE EDUCADORAS DE INFÂNCIA DE MATOSINHOS

13 de Outubro

Mesa redonda

Moderadora — Elisa Agostinho

Aberta a todas as educadoras de infância de Matosinhos e destinada a debater assuntos do seu interesse



MÉTODOS E TÉCNICAS DE
LEITURA ESCRITA
NO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO
27 de Outubro
Mesa redonda

Moderadora — Lurdes Barbosa
com a presença das professoras Auzenda Carvalho e Maria Augusta Fernandes

LIDAR COM A DIFERENÇA
11 de Novembro
Mesa redonda

Moderadora — Georgina Teixeira
com a presença das professoras Alexandrina Oliveira
e as professoras responsáveis pelo Ensino Especial das Escolas de Matosinhos
do E.B. 1º Ciclo ao E. Secundário

DA FORMAÇÃO RECEBIDA
AO DESEMPENHO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM
E NA DINAMIZAÇÃO DA ESCOLA

Mesa redonda
25 de Novembro

Moderador — Horácio Dá Mesquita
Público alvo — todos os formandos do PRÓfessor

Para participar é fácil! Basta enviar-nos uma carta, até 1 semana antes do início da sessão escolhida, indicando:

- a «Quarta-feira» a que se candidata;
- o nome completo;

- a morada e telefone;
- a Escola a que pertence;
- situação profissional;

Este plano/programa está sujeito a alterações. Continuamos abertos às vossas sugestões.

PRÓfessor... espaço aberto de debate e reflexão

Área-Escola

José Caldas*

Por vezes, não conseguimos controlar o raciocínio. A divagação pelas ondas da imaginação pode ser uma constante. Que força criadora empurra as nossas energias? Como manter uma sequência lógica e correlacionar um mar de ideias quando as queremos agarrar, todas, ao mesmo tempo?

Ah!... os limites cerebrais parecem não ser suficientemente resistentes a este ping-pong. Porquê esse nome que não significa nada!? Por que não mar de rosas, aromas da vida, fragâncias celestes...?

Área-Escola, o que significas tu? O que vales? O que fazem de ti?! Tantas paixões suscitadas. Rancores tamanhos provocas. Como falar de ti? E se falasses da vida? Solta, como soltas estão as ideias!



... Notas Soltas

O tema. Bonito! Pode ser bonito, piroso, esclarecedor, criativo, atractivo. Mas, antes de tudo, deve ser uma escolha de todos. Deve potenciar os interesses dos alunos e professores. Deve partir de uma situação problema, porque nosso, sentido por nós.

Imposto, submetido aos conteúdos...

E o prazer da descoberta?

E o gosto pelo desconhecido? E a autonomia?

Estratégias de investigação.
Há muitas. Sérias. Racionais.

Outras mais intuitivas. Divertidas. Trabalhadas. Algumas, verdadeiras poções mágicas. Transformam um problema em solução. Mas, acima de tudo, que promovam a participação. Obriguem à experimentação de novas situações. Também aprendemos fazendo. Que permitam encontrar uma pessoa em cada aluno. Termos como respeitar os ritmos individuais passem a ser uma realidade. Mais uma vez, a autonomia, mas, também, a responsabilidade de se pertencer a um grupo que é o nosso.

E o prazer da realização de um trabalho onde mostro o meu melhor.



A recuperação de espaços da escola tem sido motivação de diversos projectos de trabalho. A jardinagem é a primeira actividade verdadeiramente interdisciplinar, além de exigir uma grande diversidade de tarefas, o que permite a participação de todos. Alguns, até se identificam com essas tarefas, outros, pela primeira vez os executam.

Mas todo este trabalho ganha um novo entusiasmo quando, na rua, se oferecem flores às pessoas e se vendem caixinhas (construídas pelos alunos) com plantas aromáticas.

Projecto de trabalho da turma 7^aA (1990/91) e 8^aA (1991/92).

Produto final. Ganhar! Só quero ganhar! Produto final. Só quero lá chegar! Investigação, recolha e selecção de materiais. Análise. Debate e reflexão. Não são palavras vãs. Indicam comportamentos, atitudes, destrezas, capacidades. Que percurso árduo, mas belo. Difícil, mas enriquecedor. Que fazer do que se recolheu e aprendeu? Fica apenas nas nossas cabeças? Precisamos de exteriorizar, de comunicar. Produto final, um instrumento de comunicação. Um debate, um teatrinho de sombras, uma festa, um panfleto, um auto-colante, uma visita, uma exposição, um dossier, um jornal, um torneio desportivo, um vídeo, pintura de um muro, lançamento de papagaios de papel, um jardim, uma animação de rua, uma... uma... uma...

Precisamos de fortalecer a nossa intervenção na comunidade. A motivação pode estar neste produto final do projecto de trabalho. Mas ele só será possível e válido se resultar de uma investigação que lhe dê suporte e alma.

As Universidades. LBSE, onde estás? Maltram-te. Esquecem-se de ti no fundo de uma gaveta de algum móvel de design moderno dos gabinetes do ME, dos Reitores das Universidades, dos Conselhos Directivos. Área-Escola, perda de tempo. Tenho é de estudar Matemática! Disciplina de ensinar a vida, no 12º? Não é possível! Tenho é que aprender Matemática, Português! «Estudei 12 anos, alguns dos melhores que a vida dá, 17 de Junho, 9.30 h... 12.00 horas. De repente, fui medido. Foram medidas todas as minhas capacidades, segundo uma

só lógica, a dos números. Devem ser Deuses esses homens e essas mulheres, que se acham capazes de me conhecer por um papel que preenchi em 2,5 horas».

Ser professor. Um emprego. Um ordenado. Um reproduzidor de conteúdos. Há-os em todo o lado. Mas preferimos o autêntico, o original e criativo. Preferimos o que se preocupa com a formação integrada e equilibrada da pessoa inteira. O que trabalha numa comunidade e numa escola. O que assume a tarefa educativa como uma criação artística. O que é livre de preconceitos e gosta de imaginar. O que põe um gosto, a aventura no seu trabalho.

Culinária. Receitas. Excelentes guias para quem não sabe cozinhar. Imprescindível para quem não põe a alma nas mãos e não amassa como ela a farinha, os ovos, o açúcar, a manteiga. A cozinha, local de alquimias várias e deliciosas, mas só quando sentimos o sabor da alma.

A escola, qual cozinha de alquimias deliciosas! Onde o coração e a alma conferem um odor à Vida. Que receitas educativas resistem à diversidade dos nossos condimentos? Quem consegue resistir a uma boa dose de criatividade e imaginação? Quem é capaz de cair na rotina na presença de jovens com vontade de mudar o Mundo? Quem não arrisca uma fuga à experimentação, na procura de novas soluções e formas de acção? Quem quer ser um mero reproduzidor, em vez de se empenhar e fazer por gosto, actuar e se relacionar, com todo o gozo possível e desejável?



Não lhe chamem Área-Escola, nome feio e sem significado conhecido. Chamem-lhe Maria, António, Rui, Ricardo, Marta, Manuela, Rita Joana, Marco, Paula... Chamem-lhe o que quiserem, mas que signifique, sempre, alma, coração, gozo, sentir, experimentar, participar, envolver, intervir, criar, relacionar, descobrir, inovar, conhecer, viver.

Uma ideia simples pode resultar num efeito verdadeiramente espectacular. «Lançamento de papagaios de papel», ideia que desperta nos alunos a vontade de investigar (a tecnologia) e de criar (os seus modelos).

O tema: «O Mar». Esta actividade pode constituir, também, um momento privilegiado de intervenção na comunidade.

Um trabalho desenvolvido por turmas do 7º ano, na ESAG, em 1990/91, com especial desempenho da disciplina de Educação Visual.

* PQND de Biologia-Geologia, Orientador de Estégio do 11º grupo-B na Escola Secundária de Augusto Gomes, Matosinhos, formador da Acção III — O professor, a dinamização da Escola e das relações com o meio Curso 2 — Área-Escola — A Escola, a Comunidade, a Animação

O Professor e a Carreira Dos G.E.P.D.E.S. ao Estatuto A Memória de um Actor

António Fiúza *

Fui um dos trinta formandos que durante Junho e Julho frequentou o curso a Identidade Profissional do Professor. Uma das metodologias adoptadas teve por base a troca de informações sobre as experiências de vida dos professores envolvidos na acção, e assim, foi possível fazer uma apreciação ao quadro institucional (Sistema Educativo) e paralelamente à Carreira Docente, ao longo dos últimos anos.

Também foi possível verificar até que ponto o actual Estatuto traduz ou não as aspirações dos professores, corporizando aspectos positivos ou negativos, dignificando a sua Carreira.

Procurou-se também dar uma definição de professor, tendo em conta duas balizas limite: o funcionário e o profissional liberal.

A autonomia dos professores e das escolas, a formação inicial e contínua e o Estatuto terão que ser equacionados tendo por base aquele enquadramento. Pela minha parte contribuí com um pequeno trabalho que contempla o período de 1970 a 1974, coincidente com o início da minha actividade profissional.

Tendo efectuado o estágio pedagógico no ano lectivo de 71/72 fiquei sempre com a ideia de ter feito outro estágio, este com carácter mais abrangente, que situa o professor na sociedade e não apenas na sala de aula, através das actividades desenvolvidas nos Grupos de Estudo do

Pessoal Docente do Ensino Secundário (G.E.P.D.E.S.).

Tendo sido uma experiência de curta duração e conjuntural, não deixou, contudo, de imprimir marcas na vida dos professores portugueses dos últimos 20 anos.

É confrangedor assistir à passividade actual dos professores mais novos perante os problemas profissionais que os afectam directamente, e relativamente a medidas que, em vez de melhorarem a imagem social do professor, vão no sentido da intensificação da sua degradação. Será importante referir duas componentes geralmente comuns nos professores daquela época, em início de carreira, condicionantes da sua actividade: as lutas académicas de 62 e seguintes e a Guerra Colonial.

Estávamos no Marcelismo. A manobra liberalizante do regime, citando A. Teodoro, em *Perspectiva do Ensino em Portugal* era assim denunciada:

«A tão decantada democratização do ensino... não passou de um aumento e prolongamento da escolarização processada através de uma política de improvisação de escolas e professores, tendo como finalidade o computo estatístico e donde resultou uma progressiva degradação do Ensino e da função docente».

A participação de professores e estudantes nas questões de política educativa,

tão solicitada nas intervenções de Veiga Simão só era considerável aceitável se não pusesse em causa o carácter antidemocrático e anti-popular do regime. Assim dizia Veiga Simão:

«Mas a Educação... é diálogo aberto, franco, sereno, sem medo e sem eufemismo».

O **Expresso** de 2/2/74 explicava:

«Somente é necessária autorização superior para reuniões de professores, mesmo para estudos de natureza didáctica, que pertençam a vários estabelecimentos de ensino. Consta que ao nível do Ensino Secundário se estuda a hipótese de dispensar essa autorização para reuniões que abranjam 30 professores».

Mas Marcelo Caetano avisava:

«... quando por vezes leio certas representações de pessoas que pretendem ser professores, ou moções, como agora é moda, aprovadas em reuniões constestatárias, pergunto a mim próprio se quem usa aquela linguagem e se dirige daquela maneira aos seus superiores pode ser educador de jovens. Ou temos todo o cuidado na selecção dos educadores ou não poderemos esperar senão o agravamento da deseducação da juventude. Nesta matéria não pode haver hesitações nem contempções...»

Caracterizando o pessoal docente do Ensino Secundário A. Teodoro refere em *O Professor*, nº 1 Outubro de 1973:

- a) — Uma percentagem de professores provisórios e eventuais de 80%
- b) — Uma relação mulher / homem para maiores que 50 anos, 3 / 4; para menores que 35 anos, 9 / 5. Dos 15 mil professores (ensino secundário) em 73 / 74 só 4 mil eram profissionalizados e do total 15% efectivos.

Os professores provisórios não ganhavam nas férias e o serviço extraordinário era pago por um valor inferior ao normal.

No início da década de 70, um número significativo de professores, na sua maioria jovens,

resolveu inverter a situação no plano do estatuto remuneratório, das condições de trabalho, da formação, em suma, da dignificação da profissão. Reconheceu-se, desde cedo, que esta luta apontava para a necessidade de um Estatuto profissional e para a existência de uma organização de classe. Simultaneamente entendeu-se que se estava também a lutar pela democratização da educação, incluindo a escola, do País. Muitos professores, mais antigos na profissão, Ilídio Sardoeira, Jofre Amaral, Raul Gomes... incorporaram o movimento disperso, mas interligado, os G.E.P.D.E.S.

Logo de início a luta centrou-se no pagamento de férias a todos os professores, na alteração dos estágios, com uma dinâmica que impunha o Estatuto e a livre organização sindical. Para travar esta onda de contestação em curso, foi publicado o decreto lei 331/71 em que só alguns professores provisórios, e sob certas condições, eram contemplados. Em Dezembro do mesmo ano, da responsabilidade dos G.E.P.D.E.S. e assinado por Agostinho Lopes é publicado o livro *A Política da Mão-de-obra barata do Ministério da Educação Nacional*, em que constesta o referido decreto por não responder globalmente às exigências dos professores.

Em Junho tínhamos feito publicar anúncios no JN com pedidos de emprego durante as férias. Outros instrumentos de luta foram a revista *O PROFESSOR* e a publicação de livros designados por *CADERNOS*. O primeiro número da revista, de Outubro de 1973, era dedicado ao Estatuto. O segundo, de Dezembro, à associação de professores e o terceiro e último, antes do 25 de Abril de 74, à formação de professores. Podemos dizer que a revista era a frente legal de um movimento ilegal.

Em Maio de 1973 o Ministério da Educação Nacional pediu aos professores «sugestões» com vista à elaboração de um estatuto profissional, tendo como data limite 25 de Junho. Conforme orientação dos G.E.P.D.E.S., os professores conseguiram rejeitar a metodologia do MEN e, ao mesmo tempo, reclamavam condições para uma real participação no processo de elaboração do estatuto com a possibilidade de reuniões amplas de professores. As

reuniões de trabalho efectuavam-se na Cooperativa LUDUS, ao Campo Alegre. Paralelamente criava-se, através de uma rede de correspondentes da revista, o corpo dos activistas do movimento. Os dois primeiros números incluíam os seus nomes, cobrindo já uma centena de escolas.

Foi então que o governo se deu conta que a Primavera Marcelista se tinha já prolongado demasiado.

Contrastando com as palavras liberalizantes de Veiga Simão, o despacho 9/74 do Secretário de Estado da Instrução e Cultura abria caminho à intimidação e à repressão. As actividades dos G.E.P.D.S. são classificadas de anti-constitucionais e ilegais, equiparando as actividades nelas envolvidas a associações secretas. Entretanto, directores de escola já se tinham preocupado com os professores o que incluía denúncias à PIDE-DGS como o da Escola Pedro de Santarém, em Lisboa. A resposta não se fez esperar e, rapidamente, um abaixo-assinado com milhares de assinaturas contestava o referido despacho.

Duas décadas depois seja-me permitido concluir que o actual Estatuto (Dec. Lei 139-A/90) não é um produto da vontade do governo mas sim da própria vontade dos professores através das organizações sindicais que os repre-

sentam no que tem de positivo e negativo. Na verdade houve um empenhamento na sua discussão, mas não sabemos, no entanto, se a maioria dos professores está satisfeita com o seu Estatuto. Só um referendo o diria.

Desde muito cedo houve divisões e clivagens entre os professores. As organizações sindicais em certos momentos fizeram o jogo do poder, situação que ainda hoje se mantém.

Logo nos dias imediatos ao 25 de Abril enquanto assembleias de escola se pronunciavam pela não inclusão de Veiga Simão no Governo Provisório, outros professores havia que propunham o contrário. Também os diferentes níveis de luta evidenciados pelos diferentes sectores do ensino já faziam prever as dificuldades de hoje.

Para concluir e voltando ao tema do curso penso ter contribuído para o enriquecimento do perfil do professor que poderia traduzir-se na sua participação na:

- melhoria das condições de aprendizagem e das relações sociais na sala de aula;
 - no desenvolvimento curricular (deixando de ser um mero consumidor);
 - na alteração das condições da escola;
 - na mudança do contexto extraescolar;
- Apesar de tudo, continuaremos a lutar e a manter a esperança.

* PQND de 4º grupo da Escola Secundária da Boa Nova, Leça da Pameira-Matosinhos.

PROSPECTIVAS DAS ACTIVIDADES DESPORTIVAS

Adolfo Vital e Silva *

Isabel Vital e Silva **

«Outra competição famosa será a Taça do Espaço, na qual os contendores se defrontarão em regatas de veleiros solares em redor da Lua. Do lado da Lua virado para o Sol, as pequenas navetas serão propulsionadas pelo vento solar; assim que passem para o lado escuro da Lua onde nunca chega o Sol, utilizarão a energia guardada nos painéis solares embutidos nas velas».

A Vida no século XXI de Arthur Clarke

Segundo Paula Brito o «Desporto do Futuro», e o futuro é já hoje, será cada vez mais dominado por três factores. Um, realizado pelos meios de comunicação com a pulverização dos «estímulos desportivos», passando através das fronteiras dos países, dos grupos, das pessoas e das ideias. Outro factor será a exploração do Desporto como forma de promoção do consumo de produtos comercializáveis, abrangendo várias indústrias, desde a construção aos equipamentos, do turismo à imprensa. Um terceiro que será o aproveitamento feito pelos grupos dominantes (governos) com a finalidade de controlarem as massas e de obterem do Desporto uma fonte de propaganda ideológica. Dos três factores citados, o último, e que actualmente é o mais referido e criticado, será o que menos influência continuará a exercer, pois se cada vez mais o homem será levado a tornar-se um consumidor, cada vez menos importará a sua atitude político-social ou a sua posição ideológica. Isto levará ao extremo de se caminhar no sentido de desporto de «massas», com a finalidade de que, quanto maior for o

número de participantes maior será o consumo, assistindo-se assim a uma simplificação e redução de modalidades, de modo a que os gastos de produção e organização diminuam e, simultaneamente se atinja um maior número de consumidores, de modo a obter-se uma melhor administração e um melhor rendimento.

Para que isto se verifique e se torne realidade basta que haja uma associação entre os meios de informação e os meios de produção e comercialização de artigos de consumo e, como ambos os meios estão intimamente ligados ao Poder, a sua acção convergirá para a promoção de desportos, que alimentem os meios de informação, que promovam um elevado consumo e que concentrem o máximo de indivíduos em actividades facilmente controláveis. Existem várias modalidades com estas características e bastará promovê-las, criando assim nos indivíduos novas necessidades que se ajustem aos produtos criados. Evidentemente que com isto não se irá acabar nunca com o desporto de «elite», nem com o desporto-espectáculo-profissionalizado, mas evoluir-se-à para o despor-

tista-profissional-publicitário que, simultaneamente, fornecerá o espectáculo, o estímulo e a emoção, podendo este desportista estar integrado num clube-empresa ou tendendo progressivamente a passar para empresas que o nomearão como produto a promover.

Os clubes, esses, manter-se-ão, somente em alguns casos em que se pretenda uma força de impacto afectivo-grupal, tendendo na sua maioria para clubes marcas.

O Desporto de Massas será, como atrás já foi referido, fortemente promovido, colocando-se o problema na escolha dos desportos, que não serão certamente os melhores, quer do ponto de vista educativo, quer do ponto de vista de saúde, mas aqueles que se encontram enraizados nos gostos e hábitos, surgindo também outros que permitam satisfazer simultaneamente múltiplos interesses consumistas. como o caso dos motorizados, aquáticos e de montanha. Os motorizados porque promovem as empresas construtoras de automóveis, barcos e motas, bem como o turismo principal factor a ter em conta nos outros tipos de desportos indicados, a par da caça e da pesca.

Qualquer destes desportos mobiliza interesses económicos que vão desde a promoção turística do país ou da região, passando pelas organizações bancárias, transportes, hotelaria, produtos alimentares, comércio, indústria petrolífera, consumos de energia, indústria de informação (jornais, revistas, televisão, etc.), indústria de brinquedos, vestuário, equipamentos adequados, etc. Convenhamos que um tal rol de interesses económicos implicados são o garante de que este tipo de «manifestações desportivas» apareçam cada vez mais patrocinadas por entidades promotoras do consumo e cada vez com mais frequência. Mas se esta é a visão que Paula Brito faz do «Desporto do Futuro», para Manuel Sérgio na «Sociedade do Futuro» o talento e a cultura tomarão o lugar ocupado hoje pelo capital e pelo trabalho, porque a cria-

tividade, a autogestão, a ecologia, o regionalismo, os modelos micro-culturais e o amor do Homem enquanto Homem prevalecerão sobre o totalitarismo do consumo, da competição violenta e do poder absoluto.

O Desporto do Futuro nascerá da rejeição do «desporto do poder» e da criação de um novo sistema de valores em que o Desporto:

- saiba o seu papel na renovação e transformação do homem;
- não vise só a saúde e a aptidão, mas seja agente de cultura;
- seja dirigido, fomentado e planeado por desportistas e não por políticos endinheirados;
- não seja ciência e técnica para condicionar o praticante, mas que se corporizem os projectos de promoção individual;
- não tenha modalidades prioritárias, mas que integrem a educação dos agentes do desporto e do público em geral;
- não seja violento;
- persiga menos o rendimento e mais o valor do homem;
- seja um Desporto-Alternativo em vez de um Desporto-Repetição pois só um Desporto que vise o Todo será um Desporto do Futuro.

Com efeito podemos observar que conforme os autores existem perspectivas bastante diferentes sobre o Desporto do Futuro. Contudo o Desporto pelo seu passado tem obrigatoriamente que ter um Futuro, no centro do qual deverá estar sempre o Homem como primeiro motivo da prática desportiva, pelo que se poderá dizer que o conceito tradicional de desporto terá que perder o carácter exclusivista e monopolista para integrar motivos de saúde, de condição física, de convívio, de comunicação e de recreação.

O Desporto, quer o do «passado», quer o do «presente», quer o do «futuro» foi, é e será sempre um meio de realização do Homem e deverá orientar-se, sempre e somente, por esse papel, pois tudo o que o desviar dessa função atenta contra o Homem.

Para terminarmos e numa perspectiva muito pessoal pensamos que:

- os Desportos de equipa tenderão, progressivamente, a reduzir o número dos seus elementos
- as competições que virão a surgir, em contrapartida, serão cada vez mais exigentes em termos de capacidades físicas e psicológicas dos participantes

— os praticantes estarão cada vez mais dependentes do desenvolvimento tecnológico do material utilizado e da disponibilidade motora necessária para a prática de técnicas diferenciadas, em que as capacidades humanas serão perigosamente levadas até aos limites, numa tentativa de obterem melhores «performances» conseguidas a qualquer preço.



* PQND do grupo de Educação Física, P da Escola Preparatória António Nobre, Matosinhos

** PQND do grupo de Educação Física, da Escola Preparatória de Leça da Palmeira, Matosinhos

E OS «PEQUENINOS»... O QUE PENSAM?

*Florbela Pereira Cardoso
natural de Águeda, solteira, 23 anos, frequenta o 5º ano do Curso de Biologia, Ramo Educacional, da Faculdade de Ciências do Porto.*



P1. Como é que te meteste «nisto»?

R1. Bem...sempre gostei de Ciências, Biologia em especial e embora ao candidatar-me ao Ensino Superior não tivesse bem definido o «rumo da caruagem», pois a candidatura foi meio no ar (era o primeiro ano da P.G.A. e das Provas Específicas) lá acabei por vir parar na minha primeira opção; mais tarde, optei pelo ramo educacional e cá estou!

P2. O que mais receias nesta profissão?

R2. Devido à total inexperiência em dar aulas, claro que se têm sempre receios, no início: como será a primeira aula? Que tipo de alunos me aperecerão pela frente? Terei que tomar atitudes severas para impôr o respeito e a ordem?

Conseguirei proporcionar uma boa aprendizagem? E quanto a receios futuros, teremos aumentos de 5% em ano de 9% de inflação?

P3. O que é para ti «ser professor»?

R3. «Ser Professor» pressupõe uma atitude responsável perante a formação de cada aluno como um todo intelectual, social...

P4. Faz um esboço da imagem que tens de um aluno.

R4. Não consigo esboçar a imagem de um aluno, porque visualizo logo imensas! Cada aluno tem uma personalidade própria, capacidades próprias. Poderei descrever aquele aluno que se considera o «melhor», sempre irrequieto, a perturbar a aula, desnecessa-

riamente, por vezes com um olhar malicioso observando o professor; no extremo oposto, o sempre «caladito» no seu canto, muito tímido. Entre estes dois encontrar-se-ão todos os outros tipos de alunos.

P5. Dá uma imagem de ti próprio como professor daqui a 35 anos.

R5. Claro que pretendo ser uma professora em constante formação, sempre actualizada, preocupada com os problemas dos alunos, como tal e como indivíduos, inseridos nesta determinada sociedade. Só espero que não apareça nenhuma «alma» que me faça mudar e que daqui a 35 anos não seja como tantos «colectores» de vencimentos, que existem por este país.



*Sandra Maria da Silva Moreira
natural do Porto, solteira, 21 anos, fre-
quenta o 5º ano do Curso de Biologia,
Ramo Educacional, da Faculdade de
Ciências do Porto.*

P1. Como é que te meteste «nisto»?

R1. Por vocação até ver! Foi a forma que encontrei de conciliar o meu interesse pela Biologia com o prazer, que espero sentir a ensinar.

P2. O que mais receias nesta profissão?

R2. O fracasso, ou seja, ser vista pelos alunos, como alguém que está ali para «des-

pejar matéria», e nunca como uma amiga.

P3. O que é para ti «ser professor»?

R3. Para mim ser professor é conseguir contribuir para o desenvolvimento ético do aluno e, ao mesmo tempo, transmitir-lhe conhecimentos de uma área do saber.

P4. Faz um esboço da ima-

gem que tens de um aluno.

R4. Um aluno é alguém que se caracteriza, fundamentalmente, pela irreverência e que necessita de comunicar, de aprender e de criar.

P5. Dá uma imagem de ti próprio como professor daqui a 35 anos.

R5. Nunca tive vocação para vidente... optei pelo ensino.

*Cristina Torgal
natural de Coimbra, solteira, 24 anos, fre-
quenta o 5º ano do Curso de Biologia,
Ramo Educacional, da Faculdade de
Ciências do Porto*



P1. Como é que te meteste «nisto»?

R1. É uma boa pergunta, com uma resposta não muito fácil. A vontade de ser professora começou ainda em criança. Primeiro queria ser professora, não importava de quê, entretanto fui crescendo e surgiu a Biologia. A disciplina que mais me fascinou pela variedade dos assuntos, e sua importância para nos compre-

endermos melhor e compreender melhor o meio ambiente. Mas, a vontade de ser professora permaneceu, e está a «nascer» uma professora de Biologia.

P2. O que mais receias nesta profissão?

R2. Tento não pensar muito nos receios e nas dificuldades que vão surgir. Vão ser muitas, evidentemente, mas, à

medida que forem aparecendo tentarei dar-lhes resposta. Neste momento, receio não conseguir ajudar os alunos da forma que eles esperam...

P3. O que é para ti «ser professor»?

R3. Ser professor é estar presente sempre que o aluno necessite, não o encarar como colector de conhecimentos sua formação pessoal e social, e

que necessita também de conteúdos programáticos, para se tornar num adulto responsável, activo e participante na comunidade que o rodeia. Ser professor é elaborar estratégias que tornem as suas aulas aliciantes, manter-se actualizado e atento a tudo o que o rodeia.



*Marco Andrade
natural de Moçambique, solteiro, 22 anos,
frequenta o 5º ano do Curso de Biologia,
da Faculdade de Ciências do Porto.*

P1. Como é que te meteste «nisto»?

R1. Vim para Biologia porque não fui colocado em Medicina. Optei por ser professor, porque tinha notas baixas no ano, não domino bem o Inglês... caso contrário teria optado pelo ramo científico.

P2. O que mais receias nesta profissão?

R2. Receio não ser um bom professor, não ser o tipo de

P4. Faz um esboço da imagem que tens de um aluno.

R4. Um aluno é um ser individual, com características e vontade próprias, alguém que eu tenho a responsabilidade de ajudar a formar em todas as suas dimensões de ser humano.

professor que os alunos esperam.

P3. O que é para ti «ser professor»?

R3. É ajudar os alunos a construir o seu futuro, a tornarem-se bons cidadãos, não só dentro da sala de aulas, como fora da escola.

P4. Faz um esboço da imagem que tens de um aluno.

R4. Um aluno é um ser vivo

P5. Dá uma imagem de ti próprio como professor daqui a 35 anos.

R5. Uma senhora com alguns cabelos brancos, uma experiência educativa considerável, enriquecedora pessoal e profissionalmente. Provavelmente estarei a lutar para me manter actualizada, e activa... para «merecer» usar o nome de Professora.

dotado de inteligência, que tem sede de novos conhecimentos, e que se preocupa com a construção do seu futuro.

P5. Dá uma imagem de ti próprio como professor daqui a 35 anos.

R5. Se nunca me actualizar e progredir na carreira, daqui a 35 anos serei um professor com teorias já ultrapassadas, o que quer dizer um «professor caquético».

PUBLIQUE-SE

O ALUNO COMO PESSOA Trabalho prático

Cristina Valente **
Ana Valente ***
Lígia Carvalho ****
Lurdes Santos *****

Situação Experimental:

«Miguel, aluno do 9º ano, dá muitas faltas, não tem aproveitamento, cria alguns problemas na escola. Sabe-se que faz parte de um grupo que se droga e já fez várias tentativas de suicídio».

Desenvolvimento:

Considerou-se mais importante tentar falar primeiro com o Miguel e só depois procurar saber Sobre o Miguel, junto do Director de Turma, supostamente bem informado.

Mostrar disponibilidade para ouvir e compreender antes de julgar são atitudes subjacentes a todo o contacto que se faça quer com o aluno quer com a família se, por acaso, esse contacto vier a acontecer. São atitudes fundamentais para que se estabeleça uma relação de confiança que propicie a comunicação.

1) COM O MIGUEL procuraríamos:

— conhecer e analisar os problemas que o atormentam com vista à sua desdramatização.
— apresentar alternativas.
— valorizar os seus interesses por mais irrelevantes que pareçam.
— procurar saber toda a sua «história»:

- * relacionamento familiar;
- * eventual quadro clínico (se consultou alguém, se tem sido acompanhado, se está medicado, etc);
- * o grupo — como é, por que razão está nele, se se droga, etc
- * razões das tentativas de suicídio;
- * o que pensa disso;
- * reacções da família, dos amigos, etc.
- como se sente agora.

2) O Director de turma poderia falar sobre o Miguel:

As questões colocadas ao D.T. seriam sensivelmente as mesmas,

no sentido de recolher mais informações ou outra versão das mesmas (tipo de relacionamento familiar, história clínica ou outra, etc.)

De acordo com as informações dadas pelo D.T. sobre todos aqueles aspectos, ponderar-se-iam duas situações:

- caso a família esteja reconhecidamente aberta ao tratamento da questão em conjunto com a escola, avançar-se-ia para a resolução conjunta do problema.
- no caso de, pelo contrário, a família se querer manter alheia do problema, então à escola competiria estudar a melhor forma de acompanhar e ajudar o Miguel.

OUTRO LADO DA QUESTÃO...

Vamos então falar SOBRE O MIGUEL.

É fácil. Sentamo-nos, pegamos num papel e numa caneta, tomamos notas, consultamos uns livros e «mandamos bocas». Todos temos muitas opiniões. Somos doutores, caramba! Sabemos umas coisas!

Ora o Miguel faz parte de um grupo que se droga. Já estudámos isto: é aquela história do grupo, identificação, socialização. Como as sapatilhas, mas mais grave.

A droga pode ser uma fuga para os seus problemas. Que problemas? Os pais... Ah! Os pais são pessoas difíceis, há problemas económicos, o pai bate-lhe, exige muito dele, pára pouco em casa...

A mãe tenta ajudá-lo mas não consegue. Esconde do pai... O Miguel tem uma irmã mais velha, que é muito boa aluna. Sente-se inferiorizado. A idade também é difícil, 15 anos. A adolescência, como se sabe... Até lemos aquele artigo do Dr. X que dizia que a adolescência... Pois, mas o pior é que já fez várias tentativas de suicídio. Por causa da droga? Talvez, não sei. Para chamar a atenção do pai, talvez. Ele já foi ao médico? Tem tendências depressivas? Ou então é uma forma de afirmação, autodestrutiva é certo, mas afirmação.

Vamos agora falar COM O MIGUEL.

Não é fácil. As respostas não são aquelas que esperávamos para aplicar os conhecimentos que temos como doutores que somos. Diz ele que a droga é um «bué de fixe», que «o grupo é altamente», que «os pais estão na deles» e ele «está na sua» e que a vida... qual vida? A casa não lhe interessa, a escola não lhe interessa, os colegas são uns parvos, os professores também, o teste de História foi muito difícil, isto é tudo «uma seca». É muita coisa junta, falta-lhe força. Está cansado, muito cansado.

Agora entra o segundo ponto: a confiança é um factor importante para que se estabeleça a comunicação. Ora aí está a comunicação. Pois é... Também não é fácil. A comunicação é uma coisa que começa nos olhos, continua no cheiro e às vezes tem palavras. Aos poucos e cautelosamente descobrimos se usamos ou não as mesmas palavras. Queremos

comunicar com o Miguel, para lhe falar da vida dele, com tantas coisas bonitas, as flores, o sol e o mar, o pai que, embora não pareça, gosta dele, a namorada, o futuro, a vida à sua frente. A isto chama-se «metáforas alternativas». O Miguel nunca ouviu falar de «metáforas alternativas». Talvez «metáforas» — «parece que me lembro da aula de Português» — mas não está interessado. As flores não têm graça, o mar é uma seca — nem sequer tem uma prancha — e se o pai gosta dele nunca lho disse.

Pego nas mãos do Miguel e encosto a sua cabeça no meu peito (a escola não aprova a minha atitude).

Digo-lhe que a vida é um acaso que sobrevive por paixão, sorte, instinto ou tudo junto. Em que se sobrevive, porque hoje a chuva finalmente parou, que seca não haver amendoins, traga-me mais um fino se faz favor, que bonita que está a tua filha, o Porto é outra vez campeão, este disco é um espectáculo, vamos combinar esse fim de semana, já viste o filme do Foco, que besta que é este gajo, comprei umas calças novas, estou cheia de trabalho, afinal apanhei muito trânsito.....

Mil e uma merdas (a escola não aprova a minha linguagem) que

não são nada e são tudo. E sonhos que se desfazem e outros que aparecem e mágoas e prazeres que as palavras não dizem. O Miguel descobriu cedo demais que isto não se encomenda com medida e tempos certos. Mais cedo descobriram os sem pernas, sem braços, sem pai nem mãe, deitados logo no caixote do lixo.

Um acaso, um «rascunho definitivo»⁽¹⁾ de sorte, instinto e paixão. Nunca sabemos bem qual é o nosso papel. Racionalizamos e não é suficiente. Amamos e não é suficiente. Às vezes é só a curiosidade que nos prende: já agora pago p'ra ver. E é tudo frágil, muito frágil. Para dizer a verdade, eu nem devia falar com o Miguel. Falar com pessoas deprimidas, com histórias de suicídio, mexe comigo, faz-me sentir a minha fragilidade e ver os fantasmas que me acompanham, domesticados mas vivos.

Digo ao Miguel que a vida é solidão, é sempre solidão mas pode ser doce se há pessoas e casa e saúde e dinheiro e trabalho e pessoas, pessoas, pessoas. E que depois e sempre há EU e a certeza de que isto tudo não faz sentido mas é tremendamente fascinante e temos medo que acabe porque depois é só escuro e não se ouve ninguém rir...

(1) Broy Cabares

* Trabalho apresentado no decorrer da Acção IV — O Professor e o aluno, Curso 2
Preocupação do Aluno como pessoa — Turma A-93

** PQND do 11º grupo-B da Escola Secundária Filipa de Vilhena

*** PQND do 8º grupo-A da Escola Secundária Aurélia de Sousa, a exercer funções de assistente convidada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

**** PQND do 8º grupo-A da Escola Secundária da Boa Nova — Leça da Palmeira

***** PQND do 11º grupo-B da Escola Secundária da Boa Nova — Leça da Palmeira

HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

D. A. S. S. O. S. - P. 10



6.6.93 PEREIRA 10

**ZANGUE-SE COM
ISTO!**

Estas páginas em branco são da sua responsabilidade!
É o espaço destinado ao artigo que NÃO NOS MANDOU, à experiência QUE NÃO QUIS COMPARTILHAR..
...É um espaço que expressa a sua preguiça!
ZANGUE-SE COM ISTO!!
ESTA REVISTA É «COISA COLECTIVA... DE TODOS NÓS!
DE OUTRO MODO NÃO FARÁ SENTIDO...
Ficamos à espera do seu artigo!



à conversa com...

Elisa Margarida Herdeiro Dias Agostinho

Nasceu em Bangui, Oubangui-Chari, na República Centro-Africana, em 6 de Janeiro de 1945, tem o Curso de Educadores de Infância da Escola Paula Frassinetti, do Porto, é licenciada em Ciências de Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto e frequenta o Mestrado em Ciências de Educação na área de Educação, Desenvolvimento e Mudança Social. Há oito anos que exerce as funções de educadora de infância e foi coordenadora pedagógica dos educadores de infância da rede pública do Ministério de Educação, na DREN.

É formadora do PRÓfessor da Acção IV — O Professor e o aluno Curso 7 — Planificação do ensino-aprendizagem em Jardins de Infância, em que participaram 60 educadores de infância e que decorreu na Escola de Ensino Básico Integrado da Barranha.

P1. Como é educar meninos?

R1. Da mesma forma que se educa um adolescente e um jovem: com respeito pela sua pessoa (acima de tudo com determinação e coerência para além de umas tantas técnicas).

P2. Que contributos podem ter os pais na educação pré-escolar?

R2. A Lei de Bases do Sistema Educativo atribui à educação pré-escolar uma dimensão formativa e estabelece claramente o carácter complementar e/ou supletivo da acção educativa da família. Daí que o reconhecimento de que cabe à família um papel essencial no processo de educação da criança implique uma estreita cooperação entre os educadores e os pais. Mas esta cooperação não deve limitar-se a uma troca de informações mais ou menos informal sobre a evolução da criança sobre as suas necessidades e apetências. É urgente e indispensável que os pais se integrem nas actividades do jardim de infância, que participem efectivamente nas suas vivências.

Desde a preparação e participação activa numa festa ou convívio, ao acompanhamento em visitas/passeios, até ao real envolvimento na concepção e desenvolvimento do projecto do jardim de infância, tudo isto, é possível e indispensável.

É certo que existe sempre um certo peso institucional, sobretudo no sector privado, que pode dificultar esta acção mas, estou convencida, que com persistência e profissionalismo é possível sensibilizar superiores, famílias e a comunidade em geral para um papel activo neste processo.

P3. Quais as vertentes fundamentais da formação de um educador de infância?

R3. Direi, sem sombra de dúvidas que, para além de uma formação técnica na área das expressões, comunicação, intervenção e animação socio-cultural, a formação de um educador de infância deverá incidir sobretudo, e aliás como a de qualquer outro docente, na área de desenvolvimento pessoal. A formação

de profissionais reflexivos, críticos, impulso-
nadores de mudança, é o principal desafio que
se coloca no actual momento e a inovação edu-

cional passa primeiro pelo desenvolvimento
destas capacidades e, só depois, pela implan-
tação de reformas.



P4. O que distingue fundamentalmente um professor de um educador de infância?

R4. Gostaria de responder que pouco ou nada distingue um professor de um educador de infância, mas a verdade é que tal ainda não acontece. De imediato direi que o que os distingue, fundamentalmente, é o grau com que visam a «autonomia relativa» de que dispõem, nomeadamente face à escolha de conteúdos, à determinação dos objectivos e à metodologia. A não existência de um programa no pré-escolar, que eu defendo acerrimamente, permite, com efeito, o desenvolvimento de uma maior criatividade na acção pedagógica e, possivelmente, um maior empenhamento e satisfação no exercício das suas funções profissionais. Por outro lado o facto de ser uma profissão jovem no nosso cenário educativo e, consequentemente, possuidora de uma formação inspirada nos princípios da Escola Nova, determinou a emergência de um perfil de profissional mais dinâmico e interventor e até

mesmo mais reflexivo e crítico que os docentes de outros níveis de ensino.

A necessidade de afirmação face aos pares e à sociedade mais alargada gera, como se sabe, o desenvolvimento deste género de características.

P5. Como se ajudam os pequeninos a participar na vida comunitária e democrática?

R5. Muito simplesmente criando situações de aprendizagem dos valores democráticos e do espírito da cidadania e facultando a vivência de situações em que se possam «exercitar» esses valores. O espírito de solidariedade e cooperação entre «colegas» e outros grupos sociais, o respeito pela natureza e ambiente pode e deve desenvolver-se à medida que a criança vai abandonando o egocentrismo característico dos primeiros anos e começa a compreender que não está só no mundo. O sentido da liberdade e responsabilidade encontra no jardim de infância um campo muito fértil para



se desenvolver se, evidentemente, houver vontade para que tal aconteça.

P6. Que diferença sentes em ti quando de educadora de «pequenos» passas a formadora de «grandes»?

R6. Bem, essa é uma questão que muitas vezes tenho colocado a mim própria e tenho alguma dificuldade em responder. À primeira vista não sinto qualquer diferença na medida em que sou sempre a mesma pessoa, com a mesma vontade de comunicar, conviver, ajudar a crescer e aprender com os outros. De um forma mais explícita direi que, com os pequeninos, começo a ser, neste momento, mais complacente, mais meiga, menos tecnicista e, de certo modo, mais «uma avó» do que no início, enquanto que como formadora sinto uma responsabilidade e preocupação acrescidas na medida em que estou a lidar com adultos, profissionais como eu, portadores de uma identidade e de um projecto de vida mais ou menos definidos.

Creio que o meu trajecto profissional de alternância destas duas situações me tem proporcionado um campo experiencial muito fértil, na medida em que vou reflectindo, retirando conclusões e experienciando de novo. É este vai e vem entre a teoria e a prática que gosto de partilhar com os formandos e que julgo ser indispensável para a inovação educacional que todos pretendemos.

P7. Que mudanças no sistema pré-escolar em Portugal?

R7. Antes de falar em mudanças creio que deveríamos falar da expansão. Realmente é de lamentar profundamente que o nosso país apresente uma tão baixa cobertura de educação pré-escolar, enquanto que os nossos governantes e outros responsáveis afirmam demagogicamente ser a educação de infância um importante motor de desenvolvimento do país que se pretende desenvolvido nas próximas décadas. Mas, atendendo ao cenário real, creio que algumas mudanças poderiam ser introduzidas de forma a corresponderem aos interesses das famílias e necessidades das crianças, em particular, e, às necessidades das crianças, em geral. Continuo a defender que é possível e desejável a coabitação de diferentes e diversificados formas de atendimento à infância. É urgente, pois, para este sector, a expansão e desenvolvimento de uma rede pública gratuita a par de uma rede privada e/ou da segurança social, em que seja salvaguardada a qualidade dos estabelecimentos e da formação contínua do pessoal docente e não docente, para além da criação de espaços lúdicos, ludotecas e outros, que possibilitem outro tipo de vivências e experiências às crianças. Como já atrás referi defendo que a não obrigatoriedade se mantenha e que se tenda cada vez mais para a gratuitidade de forma a assegurar a função preventiva e compensatória que cumpre à educação pré-escolar.

é lei... é lei...

NÃO PERCA NO PRÓXIMO NÚMERO:

- * A AVALIAÇÃO DO PLANO DE FORMAÇÃO DE 1993
- * O PLANO DE FORMAÇÃO PARA 1994
- * O NOVO SISTEMA DE INSCRIÇÕES NAS ACÇÕES DO PRÓfessor
- * ENTREVISTAS COM RESPONSÁVEIS PELA FORMAÇÃO CONTÍNUA

Dispensa de apresentação de unidades de crédito para progressão na carreira

Recebemos, no passado dia 9 de Setembro, uma informação, via DREN, segundo a qual, por despacho do Secretário de Estado dos Recursos Educativos de 93/08/31: «Para efeitos de progressão na carreira, apenas os docentes que progridem a partir de 1 de Dezembro de 1993 têm necessidade de unidades de crédito».



1º Aniversário

Jantar-convívio

Convite

A Comissão Pedagógica do **PRÓfessor** vem por este meio convidar V. Ex.^a para o jantar-convívio que se realizará no dia 15 de Novembro, segunda-feira, no Café-concerto **LES AMIS**, em Leça da Palmeira, destinado a comemorar o 1º aniversário do **PRÓfessor**.

Programa

	20.30h
Rissóis, bolos de bacalhau e croquetes	
Caldo verde	
Rojões à minhota	
Castanhas, Bolo de chocolate	
Vinho, cerveja, refrigerantes ou água mineral	
Café	
	22.30h
Lançamento da revista PRÓfessor de Novembro-Dezembro	
Fados	
Soprar da vela e champagne	

Preço — 3 500\$00

A inscrição deverá ser feita no Pavilhão **PRÓfessor** ou por carta, com envio de cheque ao portador, até ao próximo dia 25 de Outubro.

